

O nome do outro.

Heterotopias e interações fronteiriças¹

Ada Cristina Machado da Silveira²
Isabel Padilha Guimarães³
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo analisa a perspectiva de desenvolvimento da noticiabilidade de duas tríplexes fronteiras brasileiras, uma na cidade de Foz do Iguaçu-PR, fronteira com Paraguai e Argentina, e outra na cidade de Tabatinga-AM, conturbação com uma cidade colombiana e limítrofe com o Peru. O artigo analisa a construção da identidade territorial dos atores sociais presentes nos episódios de dois programas brasileiros de televisão que abordam o tema das fronteiras internacionais tomadas como espaços heterotópicos. A identidade territorial tem como base para sua elaboração a referência a um espaço determinado, denominado de espaço de referência identitária, espaço concreto que se converte em referencial básico na construção simbólica das interações fronteiriças.

Palavras-chave: Jornalismo; Fronteiras; Comunicação.

Introdução

O presente artigo trata da questão da noticiabilidade de espaços heterotópicos, vale dizer, aqueles que estão estabelecidos em oposição aos espaços de referência. A questão da noticiabilidade, quanto tratada pela mídia de referência, determina quais são os espaços tópicos a partir dos quais estão definidas as performances e competências.⁴

Tomamos como referência empírica o tratamento jornalístico concedido a duas tríplexes fronteiras brasileiras, uma na cidade de Foz do Iguaçu-PR, na fronteira com Paraguai e Argentina, e outra na cidade de Tabatinga-AM, conturbação com uma cidade colombiana e com o Peru. A pergunta que nossa alma diz respeito à possibilidade de comparação de dois espaços tão distintos.

Neste texto damos continuidade a um trabalho anterior ocupado do comparativo entre duas séries de reportagens televisivas centradas na problemática das fronteiras internacionais.

¹ Trabalho apresentado no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora do quadro permanente do Programa e Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisadora do CNPq. adac.machadosilveira@gmail.com

³ Bolsista de estágio pós-doutoral DOCFIX Capes-Fapergs do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. isabelpadilha@yahoo.com.br

⁴ Cf. O Dicionário de Semiótica, o espaço tópico designa os circunstantes (os espaços de “atrás” e “adiante”), o “alhores” (por contraste com “aqui”/”lá” que caracteriza o espaço tópico) (GREIMAS, 2012, p. 243).

Tomando como objeto empírico a série “Câmera JH”, exibida pelo telejornal Jornal Hoje, da Rede Globo em Tv aberta e a outra por assinatura, o programa “Conexões Urbanas”, do canal Multishow, igualmente da Rede Globo, a análise focalizava aspectos formais e discursivos relacionados à fiscalização, ao contrabando e à transfronteirização (DALMOLIN et al, 2013). Avançamos aqui no tensionamento da noticiabilidade desenvolvida nos programas referidos, considerando seu tratamento por aquilo que se considera como *espaços de referência identitária*, espaços concretos que se convertem em referenciais básicas na construção simbólica de uma identidade cultural. Desta forma, ela se torna também uma identidade territorial (local, regional ou nacional), por ser construída fundamentalmente em torno da imagem de um território ou de uma paisagem específicos.

A mídia como motor das interações fronteiriças

No estudo anterior, evidenciamos como os episódios de “Conexões Urbanas” conseguiram trazer elementos diferenciadores em relação à série “Câmera JH”, sobretudo quanto ao tratamento de fontes e problematização da questão fronteiriça, mostrando potencialidades no que tange à abordagem do assunto na Tv por assinatura. Pretendemos avaliar se o tratamento das fronteiras internacionais habitualmente retratadas no jornalismo brasileiro como raízes ou epicentros da criminalidade, começavam a ganhar novos contornos, tendo-se em conta especialmente a incorporação da perspectiva identitária relativa à territorialidade.

O enquadramento jornalístico típico abordava a fronteira como uma “terra sem lei”, na qual os agentes do poder estatal buscam reprimir e combater as atividades ilegais. O tráfico e o contrabando são alvo prioritário dessas angulações que, de regra, desconsideram a pluralidade étnica, as características culturais, apagando as complexidades sob o véu de um único viés, o contrabando na fronteira. A mídia e referência considera que a singularidade de uma sociedade engendrada pelo encontro multicultural está subsumida no rótulo genérico de fronteira problemática.

A expressão mídia de referência designa o que até um passado recente era conhecido como imprensa de referência, compreendida no conjunto de jornais diários e de revistas semanais que possuem circulação dita nacional. Com a evolução dos grupos de comunicação e seu desenvolvimento multimídia, os conteúdos da imprensa de referência passaram a determinar também o noticiário de rádio e de televisão. Sua condição de prestígio a coloca como grande influenciadora das elites e da formação da opinião pública. Os critérios de

noticiabilidade com que trabalha definem sua capacidade de condicionar a agenda pública com consequências sobre a definição de temas importantes, comportamentos sociais, noticiário político e econômico e muitos outros aspectos.

Os quatro episódios denominados “Fronteiras” congregam a segunda temporada da série de reportagens apresentadas no programa “Conexões Urbanas” que teve exibição no mês de setembro de 2012 pelo canal Multishow (Quadro 1).⁵ O apresentador José Junior tratou dos problemas do contrabando e do tráfico de drogas nas tríplexes-fronteiras de Brasil-Argentina-Paraguai e de Brasil-Colômbia-Peru. O programa “Conexões Urbanas” é veiculado desde 2008 e tem características de um formato jornalístico televisual híbrido.⁶ O programa objetiva, de acordo seu site oficial, “criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os diversos guetos em que a sociedade se dividiu: ricos e pobres, brancos e pretos”.⁷

Quadro 1 – Síntese de episódios da série Fronteiras de “Conexões Urbanas”

Número do episódio	Nome do episódio	Resumo da reportagem
Ep. 01 02/09/2012 Duração: 6’59’’	Fronteiras: o epicentro dos problemas	Debate os carregadores que passam pela Ponte da Amizade, entre Brasil e Paraguai, e os problemas de segurança pública, pela ótica de especialistas.
Ep. 02 09/09/2012 Duração: 7’03’’	Operação contra o contrabando	Mostra a cidade de Letícia, na Colômbia. José Junior entrevista o Sargento da Polícia Nacional da Colômbia para discutir o problema do narcotráfico na fronteira. Questiona também a prostituição infantil que ocorre no local e conversa com uma jovem, de 15 anos.
Ep. 03 16/09/2012 Duração: 6’05’’	Brasil x Colômbia: igualdades e diferenças	Também mostra a fronteira entre Letícia e Tabatinga. É feita uma comparação entre o trabalho policial colombiano com o brasileiro. Destaca uma rádio comunitária da Colômbia criada pela Polícia Nacional, para aumentar a sua popularidade entre os jovens.
Ep. 04 23/09/2012 Duração: 6’59’’	Sem fiscalização, sem segurança	Analisa a falta de fiscalização nas aduanas de Santa Rosa, no Peru. Discute, com fontes da Polícia Federal do Amazonas, no Brasil, a alta estrutura existente em Letícia e a precariedade e Tabatinga.

Fonte: Dalmolin et al. (2013)

Desde janeiro de 2012 o Jornal Hoje da Rede Globo em Tv aberta exhibe um quadro chamado “Câmera JH”, que, de acordo com o site do programa,⁸ surgiu para tratar daqueles assuntos que mais despertam interesse nos telespectadores: segurança, saúde, educação. As

⁵ Na 2ª temporada do programa, uma série de reportagens foi ao ar com exibição inicial nos dias 2, 9, 16 e 23 de setembro de 2012. Os programas também foram reprisados em outras datas, com datas e horários variados dentro da grade da programação do canal.

⁶ Criado em 1991, o primeiro serviço de TV por assinatura do Brasil denominado Globosat incluía os canais Globonews, GNT, SportTV e Multishow. Em seu site oficial, este se descreve como voltado para um público de 18 a 34 anos, levando ao ar assuntos de interesse de jovens desta faixa etária (MULTISHOW, 2013).

⁷ Cada temporada pretende trazer episódios que priorizam temas polêmicos, ângulos pouco explorados e que dividem a sociedade brasileira. <http://multishow.globo.com/Conexoes-Urbanas/Sobre-o-Programa/>

⁸ <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/01/novo-quadro-tera-camera-exclusiva.html>

fronteiras internacionais brasileiras foram retratadas em uma série de três reportagens, exibidas de 24 a 26 de abril de 2013 (Quadro 2).

Quadro 2 – Síntese de episódios da série Fronteiras de “Câmera JH”

Número do episódio	Nome do episódio	Resumo da reportagem
Ep. 01 24/04/2013 Duração: 7'31''	Veja no JH: O trabalho da Receita Federal na fronteira do Brasil com o Paraguai	Centra o foco em flagrantes de contrabando em veículos na cidade, além de mostrar perseguições aos que tentavam evadir-se das abordagens dos fiscais em estradas de terra no interior de Foz do Iguaçu.
Ep. 02 25/04/2013 Duração: 6'31''	Confira cenas de perseguição na segunda reportagem da série da Câmera JH.	Aborda a repressão dos barqueiros que circulam com contrabando nas margens do Rio Paraná, transportando produtos ilegais do Paraguai para o Brasil..
Ep. 03 26/04/2013 Duração: 6'21''	Câmera JH exhibe flagrantes do contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai.	Enfatiza a repressão às práticas ilegais nos postos da Receita Federal, mostrando apreensões de cargas em ônibus e excursões. A matéria também traz imagens da rodoviária de Foz de Iguaçu, destacando a grande movimentação de sacoleiros e de enormes volumes de bagagens.

Fonte: Dalmolin et al (2013)

A série pautou uma operação de combate ao contrabando, deflagrada durante dez dias pela Receita Federal brasileira na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai. Nas três matérias, os fiscais da Receita figuram como fonte privilegiada das informações, fornecendo dados e detalhes sobre as operações que envolviam perseguições de carros suspeitos, apreensões de produtos nas margens dos rios e nos ônibus que circulam pela região, além da detenção de suspeitos de contrabando.

A própria descrição de “Conexões Urbanas” registra o propósito de unir universos de experiência heterogêneos da sociedade brasileira, fazendo referência a etnias e às classes sociais. Como um programa veiculado em Tv por assinatura, suas peculiaridades o aproximam da linguagem de um jornalismo documental ao conceder maior espaço às fontes e à explicação. No programa da Tv aberta prioriza-se uma linguagem considerada objetiva, próxima à linguagem do jornalismo noticioso. Em medidas diferentes, ambos os programas trazem jornalismo e entretenimento, mesmo que a classificação indicativa os enquadre num formato específico. Ainda que o trabalho realizado por Junior possa soar como amador ou ainda demasiadamente despojado para os padrões jornalísticos, faz-se necessário concluir que as fontes utilizadas na reportagem televisiva do episódio de “Conexões Urbanas” são mais plurais do que em “Câmera JH”, apesar do fato desta última trazer uma linguagem mais próxima àquelas descritas pelos cânones do jornalismo noticioso. Não há no programa

vozes de especialistas que possam discutir as problemáticas daquele espaço. Discursivamente, a questão se reduz a um espaço localizado, restrito àquele lugar e àquelas pessoas lá situadas, sem expressar as causas e consequências de problemas que transcendem a espacialidade fronteiriça e suas complexidades.

Como seria possível avançar no sentido de praticar um jornalismo orientado pelo respeito à realidade local ao mesmo tempo que considerando o interesse nacional?

Para enfrentar a questão, abordamos mais profundamente a questão das fronteiras e a integração nacional.

Fronteiras e concepções da Geografia

A fronteira, como espaço físico habitado é um lugar simbólico permeável onde circulam não só pessoas de diferentes lugares, como também culturas que se interpõem. Enquanto espaço geográfico que delimita um Estado Nacional necessita de fiscalização, estrutura e aduanas, etc. Entretanto, no que tange à população fronteiriça, principalmente nas cidades-gêmeas, os significados das fronteiras representam um impacto maior no seu cotidiano que geralmente não é abordado pelo noticiário da mídia de referência, a qual privilegia o imaginário da cidade dividida. Neste sentido, há a insistência na divisão dos espaços para a prevenção da contaminação pelo estranho (SILVEIRA, 2012).

As fronteiras internacionais do Brasil são, geralmente, tratadas como áreas-limite ou de margens, e raramente como áreas de contato e de interação. Daí a relevância da ação midiática nas interações, não apenas aquelas de ordem econômica, mas também as interações sociais e culturais transfronteiriças que dizem respeito às relações identitárias promovidas de um lado ao outro da faixa de fronteira (MIN, 2005, p.165).

Alguns conceitos contidos no livro “proposta de reestruturação do desenvolvimento da faixa de fronteira” apresentam a pesquisa realizada pelo grupo de pesquisa Rétis, do departamento de geografia da UFRJ, liderado por Lia Machado Osório a pedido do Ministério da Integração Nacional (2005). Ali apresenta-se uma concepção de *território* que rompe com a visão mais tradicional. Em vez do território reduzido exclusivamente à sua dimensão jurídico-administrativa, de áreas geográficas delimitadas e sob domínio do Estado, entende-se que o território é produto de processos de controle, dominação e/ou apropriação do espaço físico por agentes estatais e não-estatais. Os processos de controle (jurídico/ político/administrativo), dominação (econômico-social) e apropriação (cultural-simbólica) do espaço geográfico nem sempre são coincidentes em seus limites e propósitos.

Ademais, a territorialização desses processos se dá tanto “de cima para baixo” (a partir da ação do Estado ou das grandes empresas, por exemplo) quanto “de baixo para cima” (através das práticas e significações do espaço efetivamente vivido e representado pelas comunidades). É, portanto, o processo de territorialização filtrado pelos agentes sociais, que acaba por delinear o território por uso e posse, e não somente por determinação jurídico-administrativa.

A segunda noção que norteou o trabalho é a noção de *territorialidade*. Os processos relacionados ao poder sobre certos territórios - o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico - não cria homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos. Ao contrário do território, que de alguma forma define “nós” e os “outros”, o “próprio” e o “não-próprio”, ou seja, carrega um sentido de exclusividade, a territorialidade é um processo de caráter “inclusivo”, incorporando novos e velhos espaços, não separando quem está “dentro” de quem está “fora”. Por isso mesmo, a territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território. Por exemplo, a distinção entre os territórios formalmente instituídos (através de reservas demarcadas) e a territorialidade (espaço vivido) dos grupos indígenas.

É importante destacar que os objetivos da regionalização levam em conta e mesmo enfatizam a questão cultural e identitária como um de seus vetores básicos pela sua importância para a estratégia política desejada. A questão efetivamente mobiliza as populações locais, num sentido mais “de baixo para cima” do que “de cima para baixo”. Neste sentido, a ação midiática quando proveniente da estrutura oligopolizada brasileira contradiz o interesse da população, que percebe sua vivência a partir da territorialidade enraizada em um local que lhe é próximo.

A base cultural identitária coloca-se hoje como uma das questões mais relevantes para qualquer ação política no âmbito transnacional, reconhece o texto (MIN, 2005). Sem falar que, em áreas de fronteira internacional como a que aqui está sendo focalizada, a relação com a alteridade, com o Outro de além fronteira é decisiva na configuração das relações sociais como um todo, mas que nessa configuração imagética própria à estrutura midiática muitas vezes desaparece.

Altamente complexo, o jogo de identidades pode ser facilitado ou dificultado de acordo com as condições sociais em que se dá. Neste sentido, a presença de marcos ou referenciais

histórico-geográficos pode ser um fator decisivo na sua construção e reconstrução de identidades. Trata-se do tipo específico de identidade que estamos tratando, a identidade territorial, que tem como base para sua elaboração a referência a um espaço ou território determinado de *espaço de referência identitária*. São referenciais que podem ter diferentes amplitudes simbólico-geográficas, interferindo desde a escala local (uma praça ou monumento na construção de uma identidade urbana ou de bairro), até a escala nacional (uma paisagem que marca, por exemplo na formação de uma identidade nacional), passando por escalas intermediárias ou regionais.⁹

Espaços de referência identitária

Seguindo o trajeto teórico apresentado pelo MIN (2005), distinguimos dois tipos de espaços de referência identitária, conforme a representação do espaço: o primeiro, denominado *região-paisagem*, e o segundo, de relação mais indireta, denominado *paisagem-símbolo*. Não há dúvida que, nos dois casos, a paisagem aparece como um símbolo da identidade daquela região. Enquanto no primeiro ela se confundiria com a própria área da região como um todo (como o binômio rio-floresta para toda a Amazônia), seria a paisagem natural, que inclui relevo, vegetação, clima, etc., no segundo, trata-se de uma paisagem específica que é transposta como símbolo de toda uma área.

A fronteira Leticia-Tabatinga e os estados brasileiro e colombiano do Amazonas pode ser um exemplo representativo. Dotada de profunda singularidade e importância geográfica, tende a possuir um grande potencial para a (re)construção de identidades. No caso da Amazônia brasileira, apesar de seus limites legais englobarem 61% do território nacional, ela não vem obtendo um destaque compatível com sua importância internacionalmente reconhecida. A agenda jornalística nacional raramente aborda o assunto, e quando o faz, não raro reflete preconceitos e incompreensões, ou repete os mesmos bordões historicamente constituídos em torno do assunto. Na mídia de referência, preponderam os discursos ambientalistas a promoverem-na como “terra intocável” (ARAUJO; AZEDO e SILVA, 2010), ou que a exibem enquanto floresta sem ocupação humana, ignorando sua diversidade populacional e igualando práticas dos grandes pecuaristas as dos pequenos

⁹ De forma genérica, podemos analisar a identidade cultural, e a identidade territorial mais especificamente, a partir de três grandes conjuntos de vetores analíticos, envolvendo (MACHADO, 2005, p. 35): a) o caráter qualitativo e simbólico da identidade sem prescindir, no caso das identidades territoriais, de um referencial concreto, um espaço de referência; b) o caráter singular e contrastivo da identidade, sempre definida na relação com a alteridade, com a diferença, criando identidades regionais, nacionais, etc; c) o caráter dinâmico ou “relativamente estável” da identidade, sempre em processo (alguns preferem até utilizar o termo identificação no lugar de identidade) tal como a territorialidade com fronteiras muito tênues e de difícil delimitação no espaço.

agricultores locais, bem como a retirada de árvores através da extração ilegal às práticas sustentáveis de manejo de árvores (BITTENCOURT, 2008).

Outras duas outras concepções bastante recorrentes, que pautam inclusive muitas políticas públicas e estudos acadêmicos, são o da Amazônia como um espaço vazio e o das fronteiras amazônicas como um sistema fechado pelos limites internacionais (MACHADO, 2007). O primeiro refere-se à baixa densidade de povoamento da região, contrariando a realidade do Sul brasileiro. O segundo, compreende a região a desvinculada de sua unidade geográfica, formada pela bacia amazônica sul-americana, que ultrapassa os traçados dos limites dos países que compõem a região. Machado (2007) ressalta que esse cenário está mudando rapidamente devido aos fluxos imigratórios, de colonização e expansão econômica e das novas conjunturas político-geográficas, seja internas ou internacionais. Tais mudanças, no entanto, não se fazem acompanhar de uma renovação das concepções sobre o seu espaço natural e social.

Distinguimos assim os vários segmentos fronteiriços de acordo com os diferentes países e/ou unidades político-administrativas dos Estados vizinhos, e as características de cada um desses segmentos (MIN, 2005).

Estudando as duas tríplexes fronteiras, observamos que elas possuem colonização europeia igualmente antiga. Portanto, o caráter histórico da interação cultural em termos de sua duração no tempo enquanto interações transfronteiriças mais antigas ou mais recentes.

Tabatinga, emancipada de Benjamim Constant em 1983, originou-se, como ela, da colonização de São Paulo de Olivença no século XVIII (FERRARINI, 2013). Em 2013 o IBGE estimou sua população em 58.134 habitantes, enquanto Leticia concentra 29.666 habitantes e a Vila de Santa Rosa no Estado peruano de Islândia chega a duas mil pessoas. Aproveitando-se das facilidades do Estado peruano, brasileiros e colombianos instalam no vilarejo peruano os seus negócios. Com programação variada e transmitindo em vários idiomas, para brasileiros, colombianos, peruanos e indígenas, as rádios desfrutam de facilidades negadas pela política rígida de controle da radiodifusão na Colômbia e no Brasil, construindo o fenômeno das rádios peruanas como síntese fronteiriça. Português e Espanhol, idiomas indígenas como os dos Ianomâmi, Macuxis, Tucanos, Tikunas e Panos ocupam territórios dos três lados do limite internacional, ademais do Inglês especialmente para turistas, são ali praticados.¹⁰

¹⁰ O secretário de cultura (FERREIRA, 2013) recorda que Tabatinga já teve quatro emissoras comunitárias desativadas por entraves burocráticos.

Dentre os antecedentes da vida cultural do Alto Solimões, a realidade das drogas inaugurada pela cultura hippie no final dos anos 60 e 70 acabou trazendo transtornos para a região do Alto Solimões. No início dos anos 90, a área foi utilizada pela Força Aérea dos Estados Unidos como um local para postos de controle aéreo avançado com vistas ao combate ao tráfico de cocaína. O Plano Colômbia acabou por instaurar um Estado militarizado na fronteira brasileira que, quando comparada com Letícia, vem a ter um menor grau de institucionalização. **No entanto**, essa realidade não é o que se observa, por exemplo, nas fronteiras brasileiras com o Uruguai, Argentina, Paraguai ou Bolívia, nas quais a presença dos entes de Estado desses países é inferior à brasileira. Além disso, a condição de Letícia é politicamente privilegiada, o que repercute em sua estrutura de meios e de informática, considerada superior à de Tabatinga. Comenta Barbosa a respeito dessa realidade comunicacional:

Uma região tão diversificada ainda poderia reconhecer-se como um lugar de identidade única; neste caso, amazônica. O isolamento geográfico poderia ser responsável pelo esvanecimento de ideias como as de nação, nacionalidade e de território nacional. Entretanto, isso não acontece, pois Tabatinga e Letícia se reconhecem como cidades separadas, cada uma com sua identidade e instrumentos que refletem essa independência; por exemplo, as línguas que utilizam [...] Pensar em Tabatinga é pensar no Brasil e lembrar de Letícia é ter a Colômbia em mente. As diferenças entre os dois países se percebem nos sentimentos e valores que os habitantes deixam transparecer sobre o português e o espanhol (BARBOSA, 2008, hipert.).

Diversidade igualmente é apontada na outra tríplice fronteira. Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, é compreendida pelo imaginário da diversidade, ao contrário de *Puerto Iguazú* (Argentina):

Na estrada para a Ponte da Amizade, metros antes de cruzar o rio, um grande mural adorna a parede do edifício da Alfândega. As imagens de um templo católico, um grande buda meditando, uma divindade indígena e uma mesquita muçulmana expressam iconicamente a identidade voluntariamente plural de suas autoridades e povoadores (MONTENEGRO, GIMENEZ, 2010, p.139).¹¹

Ainda numa perspectiva midiática, no entanto, observa-se a rigidez da prática brasileira na fala do exclusiva do Português. Realidade complexa adó que no nível as relações

¹¹ No original: “*En la ruta hacia el Puente de la Amistad, metros antes de cruzar el río, un gran mural adorna la pared del edificio de la Aduana. Las imágenes de un templo católico, un gran buda meditando, una divinidad indígena y una mezquita muxulmana expresan icónicamente la identidad voluntariamente plural de sus autoridades y pobladores* (MONTENEGRO, GIMENEZ, 2010, p.139).

interpessoais deve-se adicionar a prática corrente pelo menos do Espanhol, Árabe, Chinês e Inglês.

Observando-se a natureza das identidades seria importante que a noticiabilidade tomasse em consideração as características de maior *uniformidade*, *pluralidade* (convívio, lado a lado, de diferentes identidades) ou *hibridismo* (imbricação ou amálgama de várias identidades) e maior *estabilidade* (permanência) e *dinamismo* (mutação) dessas identidades. Quanto ao grau de permeabilidade cultural transfronteiriça (alto, médio ou baixo) e o tipo de interação cultural a partir da maior ou menor influência cultural brasileira sobre os países vizinhos, as pautas poderiam avançar sobre um conjunto de aspectos inexplorados.

A intensidade e longevidade das migrações, tanto de brasileiros para os países vizinhos quanto de nossos vizinhos para o Brasil, já que este é um dos melhores indicadores da intensidade da interação transfronteiriça no espaço e no tempo representam um grande indicador dessas relações internacionais com frequência desprezados ou apresentados de maneira exótica.

Mobilidade, espaços de fluxo e espaços de lugar

Um outro indicador identitário que focalizamos foi aquele que relaciona identidade e mobilidade. Por tratar sobretudo com símbolos e podendo a todo tempo ser reconstruída, a identidade deve ser vista enquanto processo de identificação, sempre em curso. Mesmo grupos tidos como de forte e clara identidade social, como os povos indígenas, estão sempre reconstruindo suas identidades enquanto estratégias (políticas) de que dispõem para sua sobrevivência. Mas além do fato de que a mobilidade lhe é inerente, a formação da identidade regional varia muito de acordo com a mobilidade física a que a população está sujeita (migrações) e o nível de conectividade (interações) de que dispõe cada área. Assim, espaços com alta mobilidade da população, com índices mais elevados de migrantes na população total, tendem a desenvolver identidades mais diversificadas e, algumas vezes, têm mais dificuldade de moldarem uma identidade-padrão representativa de toda a região. Este fenômeno, sob a globalização, é cada vez mais comum, e diversos pontos ao longo da fronteira manifestam um encontro de múltiplas identidades muito mais intenso, destacando-se, sobretudo, a Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, verdadeiro cadinho cultural da globalização. A mobilidade em torno dela é favorecida em torno daquilo que MIN (2005) define por um indicador diferenciação econômica, dado o expressivo comércio

concentrado na região e termina por atuar como um elemento importante de distinção e de identificação.

No contexto emergente, em que tecnologias móveis atropelam as mais diversas condições, Castells (2012), um estudioso da sociedade de redes, propõe a distinção entre espaço de fluxos (global) e espaço de lugares (local):

Há cidadãos do mundo, que vivem no espaço de fluxo, frente aos locais, que vivem no espaço dos lugares. Posto que o espaço na sociedade rede se configura em torno à oposição entre o espaço de fluxos (global) e o espaço de lugares (local), a estrutura espacial de nossa sociedade é uma grande fonte de estruturação das relações de poder (CASTELLS, 2012, p. 82).¹²

A dialética entre ambos os tipos de espaço coloca duas grandes perspectivas que acabaram por redefinir as tecnologias de comunicação e de informação, apontando para a condição online e off-line dos processos midiáticos, tanto quanto de suas audiências. Essas condições começam a presidir a definição dos estudos em Comunicação e, desta forma, incorporam a dimensão espacial. A ideia de fluxo é explorada no Quadro 3 e evidencia o quanto a mídia e referencia tem nos espaços fronteiros apenas fontes de informação como testemunhas de uma realidade de espaços de fluxo:

Quadro 3 - A ideia de fluxo

Episódio 2 – 01’28”	Ponte Internacional da Amizade, na fronteira do Paraguai com o Brasil e rio na divisa entre os dois países.
Episódio 2 – 02’10”	A câmera tremida dentro de um barco que aporta num rio.
Episódio 3 – 0’00”	Fronteira de Brasil e Colômbia. O repórter José Júnior caminhando, num trajeto comparável com o do repórter César Tralli.
Episódio 3 – 01’20”	Câmera em movimento na rua que divide Tabatinga e Letícia.
Episódio 4 – 02’18”	Rio em Tabatinga. José Junior no barco entrevistando um barqueiro.

Fonte: das autoras

¹² No original: “Hay ciudadanos del mundo, que viven en el espacio de flujos, frente a locales, que viven en el espacio de los lugares. Puesto que el espacio en la sociedad red se configura en torno a la oposición entre el espacio de flujos (global) y el espacio de lugares (local), la estructura espacial de nuestra sociedad es un gran fuente de estructuración de las relaciones de poder” (CASTELLS, 2012, p.82).

A reportagem de “Conexões Urbanas” coloca ênfase no caráter simbólico dado pela rua que divide dois países, Brasil e Colômbia na conturbação Tabatinga-Leticia. Quando o programa explora essa imagem, ele está apresentando um tipo de região-paisagem que se repete exaustivamente no jornalismo sobre fronteiras.

Igualmente quando “Câmera JH” mostra a passagem sobre a ponte do Rio Paraná igualmente está explorada a referência à paisagem símbolo. A utilização e imagens da chamada fronteira molhada, composta por rios, concede maior valor ao caráter problemático, assim como a aparição da floresta.

Nas reportagens em apreço podemos observar que os fluxos são explorados visualmente através dos movimentos de câmera, promovendo a ideia de fluxo. As interações efetivas não chegam a aparecer, apresentando-se somente as consequências de interações problemáticas. Não se observa em ambas produções nenhuma referência que encaminhe para a perspectiva do espaço de lugar, promotora da perspectiva da sociedade que ali habita em seu testemunho para o nível nacional.

Interações fronteiriças e ambiente multicultural

Como deixamos claro ao longo deste trabalho, uma das especificidades mais importantes das políticas de desenvolvimento regional voltadas para faixas de fronteira refere-se ao fato de que se trata não de áreas-limite ou de margens, mas justamente de áreas de contato e de interação. Daí a relevância de um tratamento especial às formas com que se realizam estas interações, não apenas aquelas de ordem mais estritamente econômica, mas também as interações sociais e culturais, em sentido mais estrito, que revelam a solidez (ou a fragilidade) dos amálgamas, efetivos e potenciais, das áreas de fronteira.

A tipologia das interações culturais transfronteiriças diz respeito às relações identitárias promovidas ou passíveis de serem promovidas de um lado ao outro da faixa de fronteira.

Assim, programas jornalísticos que se disponham a desenvolver a noticiabilidade ainda exercitam noções de interações transfronteiriças bastante tradicionais. Conforme a tipologia exposta em MIN (2005), as interações da *margem* exploram a população fronteiriça de cada lado do limite internacional como mantendo pouco contato entre si, exceto de tipo familiar ou para modestas trocas comerciais. As relações são mais fortes com o nacional de cada país do que entre si, apesar da vizinhança. Em outras palavras, a primazia da dinâmica é local ou nacional. Tal situação é consistente com a ausência de infraestrutura conectando os principais núcleos de povoamento.

Observa-se o já lugar-comum de passagens dos repórteres nas ruas que dividem as chamadas *ciudades-gêmeas*, o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira e que no Brasil há dezenas. Estes adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira – seja esta seca ou fluvial, apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. Nesse modelo, chamado sinapse, há a presença de alto grau de troca entre as populações fronteiriças. São lugares de comunicação e trânsito, infraestrutura especializada e operacional de suporte, mecanismos de apoio ao intercâmbio e regulamentação de dinâmicas, principalmente mercantis. A primazia é dada antes ao nacional ou bilateral, depois proporciona-se o interesse do local.

Em “Conexões Urbanas” o repórter passeia no limite internacional Tabatinga-Leticia e registra a inexistência de um muro a separá-las. O muro que quando foi derrubado em Berlim fez a festa do jornalismo internacional, é cobrado na fronteira Brasil-Colômbia.

A par dos ilícitos registrados anteriormente, o imbricamento entre questões decorrentes do tráfico de drogas e delitos que se lhes associam, como o tráfico de armas e de precursores químicos, a lavagem de dinheiro, a corrupção, o contrabando, a extorsão, o sequestro e o tráfico de imigrantes ilegais, tem produzido acontecimentos bastante localizados em zonas periféricas, mas não só nelas (cf. MIN, 2005). Os acontecimentos noticiados nas fronteiras possuem articulações com interesses de outras regiões, especialmente metropolitanas. As condições permeáveis das fronteiras internacionais brasileiras, a amplitude de seus 16 mil quilômetros, a existência de comunidades transfronteiriças e o caráter marcadamente pacífico dessa convivência contrastam com o noticiário marcado por cenas de violência e crimes de descaminho, de um lado, e caos e ausência de Estado, de outro, ou seja, problemas de segurança pública e problemas de segurança nacional. Entre as consequências dessa situação, Salomão (2010, p. 397) comenta a vulnerabilidade ideológica brasileira e seu comprometimento para o desenvolvimento, ao falar da “fragilidade do sistema educacional, de produção cultural e de comunicação social”. E afirma: “Desde crianças, os brasileiros [...] Ficam expostos a verdadeiro bombardeio de valores culturais e políticos gerados no exterior”.

O marco jurídico-institucional que trata das áreas de fronteira sofreu ao longo dos anos modificações, em parte para adaptar-se a novas realidades e em parte por mudanças de orientação das políticas públicas. Numa perspectiva histórica, os países limítrofes da

América do Sul aplicaram regimes específicos para suas áreas de fronteira, geralmente qualificadas como “zonas ou faixas de segurança”, cujos critérios restritivos inibiram e restringiram à implementação de projetos de integração localizados nessas zonas ou faixas. O Brasil também seguiu esse padrão, a fronteira sendo concebida como área de segurança nacional a ser protegida de inimigos externos. Só recentemente passou-se a pensar a zona de fronteira como espaço de integração econômica e política entre as nações sul-americanas. Assim, o momento atual pode ser caracterizado como um momento de passagem de uma concepção de fronteira exclusivamente de defesa de limites territoriais, rígida e isolante, para uma “concepção de aproximação, união e abertura num espaço integrador sobre o qual se devem orientar as estratégias de desenvolvimento através de ações conjuntas entre países vizinhos”. Projetos de lei e novos acordos estão surgindo, ligados à integração fronteiriça, à cidadania e ao desenvolvimento econômico.

Referências bibliográficas

ARAUJO, L.; AZEDO, R.; SILVA, S. A Amazônia sob o olhar da mídia. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1–9. Caxias do Sul, 2010.

BARBOSA, G. de C. Atitudes em fronteira. O caso de Tabatinga e Leticia. **Forma y función**, Bogotá, n.21, jan-dez. 2008.

BITTENCOURT, M. P. H. de. Jornalismo e Amazônia - inovação na cobertura da questão ambiental amazônica. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1–11. Natal: Intercom, 2008.

BRASIL. MINISTERIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. MACHADO, L. O. (Org.). Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. México: Siglo Veinteuno, 2012.

CONEXÕES URBANAS. Episódio 1 – Fronteiras. Disponível em: <multishow.globo.com/conexões-urbanas/vídeos/_215955.shtml>. Acesso em 15 mai 2013.

CONEXÕES URBANAS. Episódio 2 – Fronteiras. Disponível em: <multishow.globo.com/conexões-urbanas/vídeos/_2160736.shtml>. Acesso em 15 mai 2013.

CONEXÕES URBANAS. Episódio 3 – Fronteiras. Disponível em: <multishow.globo.com/conexões-urbanas/vídeos/_2162900.shtml>. Acesso em 15 mai 2013.

CONEXÕES URBANAS. Episódio 4 – Fronteiras. Disponível em: <multishow.globo.com/conexões-urbanas/vídeos/_2168306.shtml>. Acesso em 15 mai 2013.

DALMOLIN, A. R. et al. Conexões fronteiriças: fiscalização e contrabando nas reportagens televisivas sobre a tríplice fronteira In: **Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2013. p.1 - 15

FERRARINI, S. A. **Encontro de civilizações**. Manaus: Valer, 2013.

FERREIRA, M. **Entrevista concedida a Ada C. M. da Silveira** em 10/09/2013, Tabatinga-AM (Brasil).

GREIMAS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2012.

JORNAL HOJE. Veja no JH: O trabalho da Receita Federal na fronteira do Brasil com o Paraguai, **Portal G1**, 24 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/veja-no-jh-o-trabalho-da-receita-federal-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2534777/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

JORNAL HOJE. Confira cenas de perseguição na segunda reportagem da série da Câmera JH. **Portal G1**, 25 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/edicoes/v/confira-cenas-de-perseguido-na-segunda-reportagem-da-serie-da-camera-jh/2536977/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

JORNAL HOJE. Câmera JH exhibe flagrantes do contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Portal G1**, 26 de abril de 2012. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/t/quadros/v/camera-jh-exibe-flagrantes-do-contrabando-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai/2539786/>>. Acesso em: 27 abril 2013.

MACHADO, L. O. Região, fronteiras e redes ilegais: estratégias territoriais na Amazônia sul-americana. **Limes - Revista Italiana di Geopolitica**. n. 3, 2007, p. 173-183.

MONTENEGRO, S.; GIMÉNEZ B. V. **La triple frontera: globalización y construcción social del espacio**. Buenos Aires: Miño D'Ávila, 2010.

MULTISHOW. **Site oficial**. Disponível em: <<http://multishow.globo.com>> . Acesso em 10 mai 2013.

SALOMÃO, L. A. Vulnerabilidades do atual desenvolvimento brasileiro: esboço e diagnóstico de indicação de políticas de superação. In: JOBIM, N. A.; ETCHEGOYEN, S. W.; ALSINA, J. P. (Orgs.). **Segurança internacional: perspectivas brasileiras**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 386-418.

SILVEIRA, A. M. Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. **Ghrebh**, São Paulo, v. 14, 2009.

_____. A cobertura jornalística de fronteirões e favelados. Narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom**, São Paulo, v.35, 2012. p.75 - 92, 2012.